



IDENTIDADE NACIONAL E NEGRITUDE NAS HISTÓRIAS INFANTO-JUVENIS

Luena Nascimento Nunes Pereira¹

Isabella do Nascimento Vitória Barros da Silva²

Resumo: O presente artigo busca abordar as transformações da produção literária infanto-juvenil após a promulgação da lei 10.639/03 e seu impacto na representação do negro e da cultura afro-brasileira. Discutimos o dilema da construção da identidade nacional brasileira na busca da superação da diferença racial através de alguns momentos da literatura brasileira adulta e infanto-juvenil a fim de abordar outras formas de associar identidade e diferença que passaram a ser possíveis nas décadas recentes. Apontamos estas novas formas por meio da análise de seis livros de histórias infanto-juvenis que têm como temática o cabelo crespo.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira, cabelo crespo, identidade negra, relações raciais

NATIONAL IDENTITY AND BLACKNESS IN CHILDREN'S STORIES

Abstract: This article studies the transformations in the production of children's and juvenile literature after the Brazilian law 10.639/03, and its impact in the representation of black people and Afro-Brazilian culture. We discuss the dilemmas of Brazilian national identity – building in its quest for overcoming racial differences in some moments of Brazilian literature, both adult's and children's/juvenile literature, so as to approach other forms of associating identity and difference that became possible during recent decades. We point to these forms by analyzing six children's/juvenile story books that have as a theme curly hair.

¹Professora do PPGCS da UFRRJ. Formada em Ciências Sociais pela UFRJ, Mestre e Doutora em Antropologia Social pela USP, realiza pesquisa sobre Angola, identidade étnica e nacionalismo. Publicou o livro “Os Bakongo de Angola: Etnicidade, Política e Parentesco num bairro de Luanda”. Mais recentemente tem pesquisado e orientado sobre temática racial, marcadores sociais da diferença e interseccionalidade. E-mail: luena.ufrj@gmail.com

²Graduada em Ciências Sociais pela UFRRJ. Mestranda em Antropologia Social pelo PPGAS USP. Professora de Sociologia na Educação Básica da SEDUC – MT. Tem por interesse de pesquisa identidades afro-diaspóricas e nacionalidades com foco atual em populações afrodescendentes no Oriente Médio. E-mail: isabella.nvbs@outlook.com



Keywords: Afro-Brazilian literature, curly hair, black identity, race relations

IDENTIDAD NACIONAL Y NEGRITUD EN LAS LITERATURA INFANTIL Y JUVENIL

Resumen: El presente artículo busca abordar las transformaciones de la producción literaria infanto-juvenil después de la promulgación de la ley 10.639 / 03 y su impacto en la representación del negro y de la cultura afro-brasileña. Discutimos el dilema de la construcción de la identidad nacional brasileña en la búsqueda de la superación de la diferencia racial a través de algunos momentos de la literatura brasileña adulta e infanto-juvenil a fin de abordar otras formas de asociar identidad y diferencia que pasaron a ser posibles en las décadas recientes. Apontamos estas nuevas formas por medio del análisis de seis libros de historias infanto-juveniles que tienen como temática el cabello crespo.

Palabras-clave: literatura afro-brasileña, cabello crespo, identidad negra, relaciones raciales

IDENTITÉ NATIONALE ET NÉGRITUDE DANS LES LITTÉRATURE D'ENFANCE ET DE JEUNESSE

Résumé: Cet article vise à traiter des transformations de la production littéraire pour enfants et adolescents après la promulgation de la loi 10.639 / 03 et de son impact sur la représentation de la culture noire et afro-brésilienne. Nous discutons du dilemme de la construction de l'identité nationale brésilienne dans la recherche de solutions aux différences raciales dans la littérature brésilienne pour adultes et pour enfants afin de traiter d'autres moyens d'associer identité et différence rendus possibles au cours des dernières décennies. Nous soulignons ces nouvelles formes à travers l'analyse de six livres d'histoires pour enfants et adolescents qui ont pour thème les cheveux bouclés.

Mots-clé: Littérature afro-brésilienne, cheveux bouclés, identité noire, relations interraciales

INTRODUÇÃO

O presente artigo³ busca abordar as transformações da produção literária infanto-juvenil após a promulgação da lei 10.639/03 e seu impacto na representação do negro e da cultura afro-brasileira. Discutimos o dilema da construção da identidade nacional

³ O artigo se baseia no trabalho monográfico de Isabella Silva, "O mundo começa na cabeça: O cabelo crespo e a construção de identidade nas histórias infanto-juvenis", sob orientação da professora Luena Pereira, defendido como trabalho de conclusão do Curso de Ciências Sociais.

brasileira na busca da superação da diferença racial através de alguns momentos da literatura brasileira adulta e infanto-juvenil a fim de abordar outras formas de associar identidade e diferença que passaram a ser possíveis nas décadas recentes. Apontamos estas novas formas por meio da análise de seis livros de histórias infanto-juvenis que têm como temática o cabelo crespo.

Inicialmente vamos debater o papel da literatura na construção da identidade nacional, a partir das proposições de Benedict Anderson e da crítica formulada por Partha Chatterjee, nos referindo ao processo brasileiro de produção identitária na qual a miscigenação ocupa lugar central. Em seguida buscamos uma reflexão acerca do papel do Estado na produção da homogeneidade da nação e das exigências acerca da uma transformação de sua abordagem de forma a abrigar a heterogeneidade concreta da vida social. Após esse debate, apresentamos e analisamos seis livros de literatura infanto-juvenil cuja temática parte da estética e do cabelo crespo. Por fim, retomamos a discussão sobre como tais histórias podem contribuir para novos arranjos entre nacionalidade, identidade e diferença.

IDENTIDADE E HETEROGENEIDADE: IDENTIDADE NEGRA E QUESTÃO NACIONAL⁴

Benedict Anderson (2008), ao debater sobre a emergência do nacionalismo, sustenta que tal fenômeno consiste na criação de uma identidade partilhada e identifica o papel da imprensa como estrutural. A noção de comunidade, homogeneidade e unidade que liga os mais diferentes homens sob a mesma nação e, ao mesmo tempo, estabelece fronteiras identitárias com tantos outros produz-se na simultaneidade de experiência. A difusão da imprensa traz consigo a divulgação das línguas vernáculas que sobressaem-se em detrimento de línguas unificadoras como o latim ou das línguas locais. Desta forma, uma determinada língua vai se tornando predominante em territórios que apresentavam pluralidade linguística. Este processo delinea as fronteiras de nacionalidade. Assim é possível gerar laços de identificação e de comunidade com quem não pertence ao seu grupo primário e físico de relações.

⁴ Discussão apresentada em Pereira e Silva (2017).



Os romances também são fundamentais na produção desta identidade, pois inauguram em suas narrativas uma estrutura que também cria tal simultaneidade. Personagens que vivem diferentes acontecimentos, em diferentes espaços, mas ao mesmo tempo, se conectam e criam redes de sentido para a narrativa da história a ser contada. A simultaneidade se dá também ao gerar a noção de que o personagem partilha de um cenário comum aos demais participantes da história e que o próprio leitor se reconhece neste cenário. A noção de simultaneidade se produz na percepção do “tempo vazio e homogêneo” (ANDERSON, 2008, 54). O que significa dizer que há uma esfera social na qual os indivíduos se encontram interligados e dividem acontecimentos e subjetividades por meio do tempo, que é sentido como um tempo comum e capaz de unificar elementos diferentes e dispersos. Assim, a veiculação em alta escala de material impresso – jornais e romances –, aliada a uma língua comum, fomentou a construção de uma organização social que transpõe as questões de funcionamento institucional de um Estado para constituir-se na memória afetiva e nas relações coletivas criando por fim um ethos de pertencimento alargado, porém limitado.

A nação se torna assim modo de expressão e organização da vida social na era da modernidade. Ao voltarmos nossa atenção para a realidade brasileira, identificamos como fator elementar da identidade nacional (tal como ela foi imaginada), a raça. Segundo Quijano (2005), contrariando percepções eurocêtricas, a primeira identidade da modernidade pertenceria à América. Segundo este autor, a ideia de raça foi fator decisivo desta nova ordem de identificação. Relações sociais e hierarquias fundamentadas e justificadas em diferenças naturalizadas entre grupos humanos foram o novo arranjo da modernidade e que se concretizou entre índios, negros, brancos e mestiços da América.

Uma vez que a Europa constituiu-se enquanto moderna através da superioridade racial, a América viu-se rotulada como atrasada, arcaica, primitiva, não moderna em comparação às terras do Velho Continente. Consequência disso, as novas nações independentes da América lançaram-se à missão intelectual, política e produtiva de alcançar a modernidade em sua face europeia.

Posto isto, não é surpreendente que a identidade nacional brasileira tenha sido tecida de maneira a positivar o país em um caminho de ordem e progresso. Tampouco surpreende que a questão racial tenha sido tão cara neste processo. Processo este que se



fundamenta na noção do tempo vazio e homogêneo. É a unidade que garante a nação. Mais que isso, é a homogeneidade que assegura o Estado-Nação e este por sua vez, a modernidade e seus ideais de igualdade e liberdade. (CHATERJEE, 2004)

Como jovem nação, no Brasil no século XIX e XX emergiram romances que esboçaram os ideais da identidade brasileira. Entre eles é possível destacar *Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, como sendo exemplar para discutir o pensamento racial no Brasil (FILHO, 2004).

O que esta literatura traz à tona é um dos ideários centrais no imaginário racial brasileiro: o branqueamento. O problema do Brasil assentava-se em alcançar o progresso com uma população majoritariamente negra. O racismo científico vigente na Europa legitimava a hierarquização racial de grupos e a associação destes grupos a níveis civilizacionais distintos. A branquidade ocupava o posto de desenvolvimento biológico e cultural superior, aos demais restava a barbárie. Tais proposições amplamente debatidas entre as elites políticas e intelectuais brasileiras levará a sistematização de políticas que pudessem de alguma forma suprimir as raças inferiores. O Brasil fez do branqueamento sua política para reverter o quadro racial. Ao estimular a imigração de grupos europeus para repor a mão-de-obra escrava negra, pretendia-se aumentar a população branca do país. Esperava-se também que as relações inter-raciais resultariam em mestiços que ao longo das gerações chegariam ao ideal branco. O branqueamento parte da idealização da raça branca e da civilização europeia, entretanto sua implantação não é pela aniquilação direta do negro e sim pela sua assimilação paulatina, biológica e cultural.

Aliado ao ideário do branqueamento está a negatização da imagem do negro. Infantilizado, animalizado, subalterno. Diversos livros e personagens encarnam essas e outras características que se revestem de negatividade, como a erotização, perversão e até mesmo quando o negro possui agência, ele é vingativo, irracional ao invés de buscar a justiça (FILHO, 2004). Importante destacar exemplos desta negatização a partir das histórias infantis. A partir do século XX já há uma produção nacional nesse ramo literário e que também reflete/constrói as relações raciais e identitárias brasileiras.

Monteiro Lobato, sem dúvida, é o autor mais proeminente no campo da literatura nacional infantil e por isso suas posições e retratos da cultura negra são tão debatidas. Tia Nastácia, do Sítio do Pica-pau Amarelo, é entre as personagens negras de Lobato, a mais

emblemática. Ao longo das histórias a cozinheira assume o papel de contadora de histórias: “Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando de um para o outro ela deve saber. Estou com ideia de espremer Tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela, afirma Pedrinho”. (LOBATO apud GOUVEIA, 2005, 85)

O povo é negro e detém o folclore, a cultura que nos é particular, que partilhamos em comum enquanto nação. Entretanto na fala de Emília:

Só aturo estas histórias como estudo da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e bárbaras — coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto e não gosto (LOBATO *apud* GOUVEIA, 2005, p. 85)

A cultura do povo não está a favor do progresso e da modernização do país, antes é expressão do atraso e primitivismo. Aqui Lobato emite quão antagônicas são as ideias que permeiam a nação imaginada do Brasil. Por um lado, louvor ao saber popular, por outro rechaço ao atraso que este provocaria (GOUVEIA, 2005). Sobre os agentes que encarnam este saber recaem também as contradições, o que significa dizer que Tia Nastácia também é frequentemente descrita com traços animalescos, na fala acima transcrita Emília se refere a cozinheira do sítio como negra beijuda. A descrição dos traços físicos como forma de referência e de generalização é um meio de apagar as nacionalidades desses indivíduos. Quando Tia Nastácia é descrita como negra beijuda, pretura, macaca de carvão, ela não é um sujeito brasileiro que os leitores podem se identificar. Ela é um sujeito racializado, cuja nacionalidade não existe, e cujos atos são simplórios face a esperteza das crianças e a astúcia de uma boneca de pano (que nem gente é). Contudo, a narrativa de Lobato apresenta falas (ou tentativas) de valoração do negro com expressões como “boa negra” e “pobre negra” (LOBATO, 2003, p.94). Expressões que despertam empatia e piedade, ao mesmo tempo que demarcam a raça da personagem e vinculam estas sensações à raça. A ambiguidade, a contradição convivendo, coexistindo e se fundindo disseminam os ideais que circulam no imaginário brasileiro.

Neste mesmo cenário racial surge ainda um terceiro elemento que se sobrepõe e ao mesmo tempo conjuga com o embranquecimento e a negatização do negro e que possibilita valorar o saber negro sem valorar o sujeito negro: a figura do mestiço. Fruto



das relações inter-raciais promovidas desde o tempo da escravidão e que assumem novo caráter com a política de branqueamento é a figura que, no caso brasileiro, representa o povo, que encarna o homogêneo. Brancos, índios e negros se fundem no imaginário brasileiro dando vida e vez a unidade e unicidade de nossa nação no cenário externo.

Anteriormente visto como debilitado e atrasado por trazer o sangue de negros e índios, o mestiço/povo passa a ser positivado no cenário brasileiro e a promover a singularidade do país. Tendo cada grupo racial contribuído para a formação do Brasil, a miscigenação entre eles – racial e cultural – permitiu o surgimento de um povo que possui as capacidades de cada grupo original. Se o progresso não foi possível por completo não se deve a fatores raciais e sim de clima, economia e política (FREYRE, 2003). A miscigenação torna-se assim a singularidade brasileira e o que permite a fomentação de mais um elemento central na ideia da nação brasileira: o mito da democracia racial. A miscigenação é positivada de tal forma que passa a ser utilizada como argumento comprobatório de que no Brasil o racismo e as diferenças raciais estariam superados.

No entanto, os aspectos de negatização do negro e o desejo de alcançar a branquidade via embranquecimento não são extintos, ao contrário, convivem com a democracia racial. Para além de mascarar a conjuntura racista do Brasil, o mito da democracia racial confere sentido e norteia o mundo da vida brasileira. O mito permite que a alta hierarquização social do país permaneça intacta e inquestionada (DAMATTA, 1981); permite a afirmação “aqui ninguém é branco” que por sua vez indica que ninguém é negro também, posto que são todos mestiços. Torna-se possível então elevar a categoria de bem nacional da cultura negra (feijoada, samba, folclore, saberes populares) sem que o sujeito negro seja valorizado (SOVIK, 2009). Os elementos étnicos, ao se tornarem nacionais, permitiram o discurso da homogeneidade, da particularidade brasileira frente aos países vizinhos e da negação do racismo (FRY, 1982). À primeira vista, as barreiras entre raças já teriam sido superadas. Entretanto, como a exposição literária aqui nos mostra, o sujeito negro é sistematicamente inferiorizado dentro da sociedade. Suas produções culturais podem ser positivadas, mas sua identidade enquanto sujeito negro e humano, não.

Como visto em Anderson, a literatura possui papel central em disseminar as identidades partilhadas que fundam uma nação. A veiculação do negro como ente

negativo da sociedade também integra o cenário da nação brasileira. O que ocorre nessas histórias é o que Chimamanda Adichie (2019)⁵ chama de os perigos de uma história única. Tanto a literatura como o discurso nacionalista brasileiros narram trajetórias de uma única perspectiva. As imagens e representações de uma história única geram e constroem, para além das histórias, sentimentos, posturas e percepções sobre o Outro limitadas, mas que no mundo da vida pautam nosso conhecimento e nossas relações. Em uma sociedade marcada pela desigualdade racial, negros e índios são afetados em suas identidades de maneira intensa.

A ideia de homogeneidade, fusão que produz nacionalidade, para Partha Chatterjee (2004) indica a equivocada interpretação ocidental de que a modernidade, expressa na forma de Estado-Nação, constitui-se exclusivamente no tempo homogêneo. Tudo aquilo que diverge não pertence a este tempo, mas sim a tempos anteriores e inferiores. Nesta perspectiva, a heterogeneidade se apresenta como ameaça a nacionalidade. Característica incisivamente presente na discussão racial brasileira. E o que é o mito da democracia racial senão uma forma de impedir a ameaça representada pela diferença? Assim, a discussão do racismo no espaço público e a valorização das identidades raciais dão lugar a valorização da miscigenação pela via do branqueamento. A heterogeneidade, se não põe por terra as identidades compartilhadas de uma nação, revela seus arranjos como imaginados e não naturais.

Entretanto, Chatterjee nos mostra que a heterogeneidade não é ameaça a modernidade, antes se faz presente nos processos de sua formação. O homogêneo está no âmbito do utópico agindo no imaginário e criando a noção de comunidade. O heterogêneo está no âmbito do real, reivindicando, a partir de suas particularidades, a garantia dos ideais de igualdade e liberdade. Afinal o Estado-Nação é uma particularidade frente a todos os outros, mas é em seu interior que se molda a homogeneidade.

Todo debate até aqui exposto nos ajuda a refletir sobre a lei 10.639/03. A obrigatoriedade do ensino de história da África e cultura afro-brasileira deve ser fomentada nas diversas áreas de ensino. No campo da literatura, a pesquisa do qual deriva este trabalho⁶, demonstra significativo aumento na produção de literatura infanto-juvenis

⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>

⁶ A pesquisa faz um levantamento e análise das publicações de literatura infanto-juvenil com temática africana e afro brasileira. A pesquisa privilegia o possível desenvolvimento de uma literatura negra infanto-

com personagens negras e com temática sobre a cultura negra. Sendo considerados apenas as produções nacionais registramos cerca de 600 livros num período de 15 anos.

Podemos encarar o processo de luta que culmina na lei 10.639/03 como reivindicação dos movimentos negros que buscaram assegurar uma formação educacional que seja igualitária em termos étnicos raciais. Ao requisitar que as particularidades da história africana e afro-brasileira sejam contempladas na escola garante-se igualdade no conteúdo e no ensino escolar para todos. Ocorre um processo em que é a heterogeneidade a acionar os ideais de igualdade e liberdade para suas demandas particulares e por consequência assegurar que esses ideais operem no mundo concreto.

Deve-se observar que tal reivindicação concretiza-se na forma de lei. É o Estado, alicerçado na ideia de homogeneidade, que opera com a heterogeneidade, de forma a exercer a governamentalidade, nos moldes de Foucault (1993). Uma vez que para garantir a igualdade e liberdade o Estado governa populações e não cidadãos, ou seja, em sua operacionalidade é a heterogeneidade que garante ser governo e seus ideais. Em suma, o Estado no campo das ideias produz homogeneidade, mas no campo do real opera com heterogeneidades, governando populações e não um povo uniforme.

Este é um fator importante a se considerar ao analisarmos as histórias infanto-juvenis. Estas são inseridas dentro de uma política governamental à medida que atendem à demanda da lei 10.639/03 de gerar conteúdos afro-brasileiros no interior dos materiais educativos que desloquem a posição da história e da personagem negra do lugar comum dos estereótipos. Através da governamentalidade não apenas atende as reivindicações da militância negra, como se insere ativamente no processo de construção e valorização da identidade negra, do heterogêneo. Nosso enfoque é no conteúdo literário que a lei gera sobre o negro e a identidade brasileira. Uma vez que a diferença torna-se aceita como legitimação do Estado-Nação e da modernidade, como construir uma identidade nacional que inclua a diferença, mas ao mesmo tempo cria a noção de comunidade? Para responder ou apontar possíveis respostas as histórias infanto-juvenis sobre o cabelo crespo se apresentam como alternativa viável.

juvenil e uma rede de autores negros e não negros produtores deste segmento, levando em consideração seus aspectos estruturantes como a lei 10.639, as políticas de compras de livro pelo governo e as características do mercado editorial brasileiro. Esta pesquisa conta com o apoio do CNPq e da Faperj.



O QUE AS HISTÓRIAS TÊM A DIZER: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA DOS LIVROS

Dentro do universo mais geral de literatura negra infanto-juvenil de temática afro-brasileira, o tema sobre cabelo e estética se mostrou como uma via bastante interessante. Durante a nossa pesquisa, foram levantados 15 livros que se encaixavam nesta categoria. Destes, seis foram adquiridos em feiras literárias infanto-juvenis. São estes seis livros que analisamos neste artigo⁷. Quanto ao tema cabelo e estética, a escolha inicial se deve ao crescente cenário de valorização do cabelo crespo, nas redes sociais, nos produtos de beleza, em campanhas publicitárias e nas imagens de atrizes e modelos. Somado a isto está o fator político. A bibliografia até então lida apontava para um caráter de engajamento político que o cabelo crespo assumia na luta contra o racismo, ou seja, este cabelo crespo simbolizava uma redescoberta e reconstrução da identidade de negras e negros. (Gomes, 2006).

A partir do ano 2000, há uma politização da estética negra diferente do final dos anos 70 e início dos 80 e 90 do século XX. A estética negra passou a ser compreendida como parte do direito da cidadania e da vida das mulheres e homens negros. Ela se faz presente de forma mais pública e contundente a partir do advento das políticas de ações afirmativas. As políticas de ações afirmativas reeducam as negras e os negros na sua relação com o corpo e também reeducam a sociedade brasileira no seu olhar sobre o corpo negro. (Gomes, 2018, p.120-1)

O cabelo crespo e estética também aparecem nas histórias infantis como transformadores? Como agentes poderosos para ressignificar identidades? Diante desta questão, a análise de histórias infantis que tratam especificamente sobre o cabelo crespo se torna relevante e plausível para discutir e responder as questões de identidade nacional do tópico anterior. Aqui apresentaremos análises descritivas das histórias lidas em diálogo com as fundamentações teóricas que temos utilizado.

⁷ Não houve uma seleção prévia dos títulos analisados, adquirimos os livros à medida que encontrávamos. Alguns títulos já não se encontravam mais em circulação.

De fundo amarelo, a capa do livro traz o rosto em perfil de uma menina negra. De olhos fechados e um leve sorriso no rosto, a menina tem o cabelo trançado até uma parte da cabeça. Uma faixa vermelha arremata as tranças e o resto do cabelo está livre e esvoaçante. Se acompanharmos a direção do cabelo e virarmos o livro, veremos que ele se torna uma árvore de flores vermelhas onde pássaros se abrigam.

As ilustrações da história caracterizam as personagens com indumentárias africanas. Há nas imagens traços e linhas que dão a ideia de continuidade, de ligação. É como se as personagens estivessem conectadas. Portanto, são ilustrações que estão em harmonia com a ideia central do texto.

Minosse é uma menina de 10 anos que no seio familiar desenvolve com o cabelo uma relação especial. Minosse aprende a importância das palavras e de como elas expressam o mundo, percebe que na sua vida em família um momento em que as palavras atuam de forma significativa é quando as mulheres (avó, mãe, tias) estão cuidando dos cabelos. Com elas aprende os mais diferentes penteados, para cabelos longos, curtos e para dias de festas. Vai aos poucos inventando seus próprios penteados e pondo-os em prática nas cabeças das tias e da irmã. Descobre que as tranças assim como as palavras tem o poder de expressar o mundo. Os penteados que Minosse faz são motivo de admiração por parte de seus irmãos mais novos, Cida e Lucas. E isto não se restringe aos parentes de Minosse, pois ela passa a contar para as amigas tudo que aprende e vivencia em casa ao cuidar e trançar os cabelos. Até que uma de suas amigas exclama “Nunca imaginei que o cabelo pudesse contar tanto sobre quem somos!”. Minosse percebe que partilhar as tradições de sua família podia ensinar a outros o valor dos antepassados. E que havia conhecimentos que nenhum museu ou computador poderiam ensinar, eles eram passados pelas palavras, palavras moldadas na cabeça, cabeças moldadas pelos cabelos.

Família, tradição, comunicação, exemplo e admiração. Tudo isso são valores que podemos encontrar expressos no texto e nas imagens da história de Minosse. A relação da menina com o cabelo fortalece seus laços familiares, transmite conhecimento, é meio pelo qual aprende a expressar pensamentos, causa admiração e provoca interesse naqueles

que a cercam e são da sua faixa etária. O cabelo nessa história perpassa por diversas áreas da vida da protagonista e em todas elas, de forma positiva. Essa é a mensagem principal do livro. A relação positiva com o cabelo transpõe a cabeça e penetra no mundo da criança.

GAIVOTA, GUSTAVO. *CHICO JUBA*. MAZZA EDIÇÕES, 2011.

ILUSTRAÇÕES: RUBEM FILHO

Um sorriso largo, braços abertos e um Black Power pra ninguém botar defeito! Este é Chico Juba na capa do livro que leva seu nome.

É a única história sobre o cabelo em que o protagonista é um menino, Chico, e o único personagem da trama. Menino inventor, Chico Juba vive a criar xampus para domar o cabelo. Xampu de dente de leão que de tão leves seus cabelos voaram. Xampu de sabão em pó que deixou seus cabelos branquinhos parecendo um velhinho. Xampu de terra roxa que fez crescer raízes em seus cabelos e atraiu insetos. Até que depois de muitos desastres Chico se dá conta que a melhor forma do seu cabelo é a natural e passar a inventar moda com ele.

A história de Chico traz uma perspectiva diferente das demais quanto ao estigma do cabelo crespo. Enquanto nas outras histórias outras pessoas criticam o cabelo crespo, nesta é o próprio dono do cabelo que deseja um cabelo diferente do que tem. A incorporação do estigma por parte daquele que o sofre resulta no contexto do cabelo negro nos processos de alisamento, relaxamento e outros. Podemos ver Chico Juba e suas invenções como uma metáfora para os produtos que prometem mil modificações do cabelo e muitas vezes geram queda de cabelo, queimaduras, alergias e ferem ainda mais a autoestima do indivíduo.

Tal situação de acordo com Gomes (2006) é caracterizada por um processo ambíguo de rejeição/aceitação que envolve a relação do negro com seu cabelo, corpo e identidade. A coisificação do negro durante o período de escravidão, em que este não era sujeito antes mercadoria do seu senhor, resultou como consequência nas relações sociais brasileiras a rejeição do ser enquanto negro. Logo, para adequar-se à sociedade, o negro precisa rejeitar a si próprio e buscar alcançar o existir aceito pela sociedade, o ser branco.

Porém, a rejeição imposta sobre a condição humana do negro não significa que este tenha se anulado de forma tal a perder por completo sua identidade. “As raízes não conseguem ser removidas, pois as verdades espirituais e culturais ancoram-se no corpo” (Carneiro apud Gomes, 2006, p.154). Uma vez ancoradas no corpo é possível através da manipulação e conhecimento deste iniciar a aceitação do ser negro e da quebra de paradigma na sociedade brasileira. Mas como já dito este é um processo ambíguo, a manipulação do corpo e cabelo podem servir tanto a rejeição quanto a aceitação. É isto que vemos na história de Chico Juba os diferentes xampus que inventou para modificar seus cabelos expressam a rejeição de sua identidade negra, mas a última parte da história traz a aceitação de Chico, que passou a “inventar moda”, ou seja, o contato e molde com o cabelo não desaparecem, antes são ressignificados. Por ser uma história linear, talvez a ambiguidade deste processo fique menos evidente, pois aparentemente há uma mudança taxativa de um polo a outro. Mas com base na leitura de Gomes podemos afirmar que esta dicotomia rejeição/aceitação está intimamente entrelaçada e não é um processo de fácil execução.

**OLIVEIRA, KIUSAM DE O MUNDO NO BLACK POWER DE TAYÓ.
PEIRÓPOLIS, 2013. ILUSTRAÇÕES: TAISA BORGES**

A sombra do perfil de uma menina. O título “O mundo no Black Power de Tayó” em letras brancas e coloridas, flores e pássaros enfeitando o cabelo. Está é a imagem de capa da história de Tayó.

As ilustrações desta história remetem sempre a um cenário lúdico. Tayó está sempre acompanhada de pássaros, gatos e borboletas das mais vibrantes cores. Flores, corações e formas geométricas são o cenário de fundo. Tudo isso ajuda a criar a atmosfera encantada que Tayó carrega na cabeça. Sempre adornada com fitas, borboletas e flores, Tayó ostenta um lindo *Black Power*. Junto com sua mãe vai criando e enfeitando seu cabelo todos os dias. A história, de autoria de Kiusam de Oliveira, traz a descrição física de Tayó não apenas nas imagens, mas também no texto. Olhos tão negros como a noite, o nariz que parece uma larga e valiosa pepita de ouro, grossos e escuros lábios e por fim seu cabelo crespo no penteado do *Black Power*. Diferente de “o mundo começa na



cabeça” ou “o cabelo de Cora” a descrição de Tayó não usa termos como encaracolado ou enrolado, seu cabelo é “crespo” e seu penteado é “Black Power”. Trazer a descrição do cabelo como “crespo” produz uma diferença pois, assim como a cor, a sociedade brasileira designa diferentes termos para descrever a textura do cabelo e que, dependendo do contexto, podem servir para “suavizar” e ou distanciar as características físicas do padrão negro.

A história sobre a relação dessa menina de seis anos com seu cabelo também aborda o preconceito que muitas vezes existem por parte de outras pessoas e a ele Tayó responde prontamente reafirmando as qualidades de seu cabelo “fofo, lindo e cheiroso”.

Vemos dessa maneira que o autoconhecimento que Tayó constrói a partir do cabelo e o exemplo que tem em sua mãe a levam a possuir posições veementes para encarar o racismo. O cabelo nessa história aparece como instrumento político de luta e que não se restringe aos adultos ou aos politizados pela militância negra. Tayó, uma menina de seis anos que ama e molda seu cabelo, ou seja, que o tem como estilo de vida torna-se sabedora de sua identidade. (GOMES, 2006, p.229). Assim no mundo que carrega em seu cabelo estão projetados a história de seu povo, a escravidão e o racismo que sofreram. Mas engana-se quem pensa que isso torna menos belo o cabelo de Tayó. A menina consegue transformar toda tristeza em alegria através da herança cultural de seu povo. Seu cabelo também reflete os orixás e a proteção que sobre ela dispensam. Tudo isto faz do cabelo de Tayó sua coroa afinal ela é uma princesa.

CÂMARA, ANA ZARCO. *O CABELO DE CORA*. PALLAS, 2013

ILUSTRAÇÕES: TALINE SCHUBACH

A vasta cabeleira de Cora preenche quase toda a capa do livro, seu rosto aparece apenas pela metade. Cora não esboça sorrisos.

Cora começa sua história tristonha, pois ouvira de uma amiga que seu cabelo era feio por ser cheio e muito enrolado. Deveria molhá-lo e prendê-lo com uma fita. Essa amiga chama-se Miriam. Branca, cabelos lisos e loira. É o único livro que traz uma interação direta entre personagens de diferentes grupos raciais. A história, contada em poema, mostra como Cora vai buscar ajuda em sua tia Vilma. Descrita como esperta e

bela, tia Vilma é retratada nas ilustrações com um largo sorriso e o cabelo igual ao da sobrinha. A tia lhe ensina que “cabelo bom não é só o liso”, que cada ser humano é diferente, que cada um tem sua beleza e que por isso mesmo não há um padrão. Tia Vilma também lhe fala sobre sua avó Ana, negra africana de quem Cora herdou os cabelos. Assim Cora recupera a sua confiança e diante do espelho descobre a beleza do seu cabelo.

Mas não para por aí. Na escola, sua amiga, que havia sido preconceituosa, lhe pede desculpas pelo que disse. Há na história de Cora a oportunidade de redenção da personagem que encarna e transmite aspectos negativos sobre o cabelo crespo. Miriam é perdoada por Cora que aproveita a oportunidade de contar sobre o valor de cada um e o que sua tia Vilma lhe falara sobre sua avó Ana. Cora passa então a ser aquela que transmite suas experiências de forma positiva. Passando a exibir confiante e feliz “sua cabeleira solta e bonita adornada com carinho”. A história de Cora também traz o processo de rejeição/aceitação já mencionado na análise de Chico Juba. Mais uma vez, as raízes permitem a superação do racismo e a valorização da identidade negra. Raízes que sua tia Vilma remete a sua avó, raízes que a própria Cora encontra ao se encarar no espelho. A propósito, as ilustrações neste aspecto trazem uma informação interessante. Os semblantes de Cora até o momento em que se olha no espelho são ou de tristeza ou de inquietação, quando Cora se encara e percebe a beleza que há nela, seu rosto passa a exibir um sorriso. O processo de aceitação e superação do racismo é um processo de enfrentamento e que no nível pessoal consistem em construção de uma autoestima positiva.

**GOMES, NILMA LINO. *BETINA*. MAZZA EDIÇÕES, 2009. ILUSTRAÇÕES:
DENISE NASCIMENTO**

A imagem de capa de *Betina* traz sua protagonista sentada, de costas com a cabeça olhando para cima como que escutasse alguém. Seus cabelos estão trançados e os de sua boneca também.

O livro é de autoria de Nilma Lino Gomes, também autora do livro base destas análises, “Sem perder a raiz: corpo e cabelo na construção da identidade negra” fruto de sua tese de doutorado (Autêntica, 2006). A protagonista da história infantil leva o nome

de umas das cabeleireiras cujo salão foi objeto de pesquisa para o doutorado de Gomes⁸. Não fica explícito se a história contada é a trajetória de vida real da cabeleireira Betina ou se foi uma homenagem. De qualquer forma os dois livros estabelecem diversos paralelos. Mas, antes a história:

A avó de Betina é quem trança o cabelo da neta. Durante o tempo em que trança o cabelo, Betina constrói com sua avó uma relação de amizade e afeto. Suas tranças são admiradas por onde passe e na escola também. Quando alguém expressava preconceito Betina também tinha resposta: “Para com isso! Tá com inveja, é?! Se quiser, peço minha avó para fazer trancinha no seu cabelo também.” A narrativa não se restringe a Betina apenas criança. Mostra que com o passar do tempo a avó ensinou a neta a trançar também. Betina trançou, trançou e cresceu, sua avó foi se encontrar com os ancestrais de que tanto falava. Betina abriu um salão especializado em cabelos crespos e tornou-se conhecida pela qualidade de seu atendimento e serviço. Tanto que até palestra em escola Betina foi chamada para dar. O livro se encerra assim, com Betina mostrando que a arte do trançado é culturalmente passada de geração em geração e que nesta prática não apenas o trançado se transmite.

O papel dos cabeleireiros dos salões de belezas étnicos, de acordo com Gomes, vai além das técnicas e estética. Por alcançarem um público cuja autoestima geralmente está abalada, por contas das relações raciais hierarquizantes da sociedade brasileira, estes profissionais também desempenham o papel de ouvintes e de aconselhadores. Parte de seu trabalho é deslocar as percepções estereotipadas acerca do corpo e cabelo negro e valorizar a beleza negra. Esta é uma tarefa que Gomes aponta que em muitas trajetórias das cabeleiras pesquisadas foi desenvolvida na infância pela figura materna, onde o cuidado com o cabelo as levou ao mundo dos salões. É isto que vemos em Betina, e é esta a missão que ela recebe. Assim como a Betina da vida real, ela cresce monta seu salão e para além dele cumpre a missão com palestra e festas. Os salões que se constituem como espaço de sociabilidade, valorização e ressignificação têm suas raízes na tradição familiar do trançado.

⁸ A pesquisadora acompanhou a rotina de quatro salões de beleza voltados para clientela negra em Belo Horizonte. Sua pesquisa analisa a forma como corpo e cabelo são trabalhados nestes espaços e as relações destes elementos com a formação da identidade negra no Brasil.



AGOSTINHO, CRISTINA; COELHO, RONALDO SIMÕES. *RAPUNZEL E O QUIBUNGO*. MAZZA EDIÇÕES, 2012 ILUSTRAÇÕES: WALTER LARA

Negra, de olhos amendoados e de expressão compenetrada, com o cabelo crespo trançado. Esta é a Rapunzel da adaptação *Rapunzel e o Quibungo* e que encara o leitor na capa do livro.

Embora a adaptação do conto de fadas traga elementos que contextualizam a história para a Bahia, ela não faz nenhuma referência ao cabelo como elemento da identidade negra de Rapunzel. Essa noção é dada apenas pelas imagens, mas ainda assim o cabelo é central pelo mesmo motivo que o é no conto original. Rapunzel nasceu com uma vasta cabeleireira que crescia mais que ela. Além disso, a menina possuía uma linda voz que lembrava o canto do uirapuru. Tal encanto levou o terrível Quibungo, figura folclórica com uma enorme cabeça e um buraco no meio das costas pelo qual come criancinhas, a raptar Rapunzel. Mas ao invés de comê-la como faz com as outras crianças a trancou em uma torre de bambu no alto de uma castanheira. De tempos em tempos a visitava para ouvir o seu doce canto. Até que um dia, um jovem príncipe, Dakarai, passeava pela mata e ouviu o canto de Rapunzel, imediatamente procurou encontrar a dona daquela voz. Encontrou a torre de bambu, mas como não havia maneiras de adentrá-la Dakarai passou a ir todos os dias ouvir o canto. Até que uma visita do Quibungo revela as longas tranças de Rapunzel que lhe servem como escada para subir a torre. Dakarai então conhece Rapunzel e promete retornar para buscá-la. Mas o Quibungo descobre a visita indesejada, corta os cabelos de Rapunzel e prepara uma armadilha para o príncipe. Dakarai cai do alto da torre em cima de um espinheiro e fica cego, mas o Quibungo também cai e desaparece para sempre. Rapunzel vai ao encontro de Dakarai e suas lágrimas curam o jovem. Os dois partem para o reino do príncipe onde passam a viver.

**PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA: O CABELO CRESPO.
O CORPO ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL**

Para compreender e analisar efetivamente as narrativas apresentadas é necessário rememorar alguns pressupostos. O corpo é aquele que acompanha o indivíduo aonde for.



É ele quem o comporta. E é através dele que o mundo interage com o eu. O corpo é referência, o corpo é o movimento, o corpo é a utopia. (FOUCAULT, 2010) Mas esse corpo, cuja a vida se faz nele e por ele, não está autônomo no mundo da vida, antes é concebido socialmente. O corpo, segundo Isildinha Nogueira (1998) é um signo, pois os fatores que sobre ele repousam e se tornam parte dele são prévios, externos a esse corpo.

Ao pensarmos o corpo negro e suas significações, precisamos atentar para o fato que esta formulação advém das relações coloniais que se traduziram em raciais (QUIJANO, 2005). E nesses termos ela significou violência para o ser colonizado (FANON, 1968). Esse é um processo violento em diferentes esferas. É espacial, na medida que o território do colono é a civilização e o do colonizado é o retrocesso. É físico por conta do forte policiamento e truculência que o tratamento acompanha. É psíquico porque retira do indivíduo negro quaisquer resquícios de humanidade, ou seja, o coisifica. Em todo este processo o corpo é triplamente violentado: no movimento, na carne, na mente.

Junto a isto, a superestima do ser colonizador o torna o signo do humano. É sobre este corpo não racialmente marcado que repousam as virtudes da vida. É sua forma de movimentar, fazer, conhecer e existir que são legitimadas e universalizadas. Dentro desta perspectiva, o corpo negro que comporta o ser negro se vê em relação assimétrica com o corpo branco e o ser branco. Se vê almejando o ser branco como forma de tornar-se humano. Apreende-se, portanto, o modo de vida branco e o legitima através do desprezo de suas origens e ao pontuar diferenciações para com seus pares (FANON, 2008, p.176). Mas há nisso tudo uma barreira intransponível: o corpo. Sobre ele, então, depositam todo ódio e violência diante da impossibilidade da branquidade.

Indo ao encontro da discussão sobre a construção subjetiva do corpo negro temos a formulação do preconceito de marca (NOGUEIRA, 1998). No sistema racial brasileiro a identificação do indivíduo como sendo negro ou branco é via fenótipo. Ou seja, são traços físicos, pele, boca, nariz, cabelo que definem o grupo racial do indivíduo. Uma das características deste tipo de classificação é a flexibilidade. O pertencimento racial e aparência física podem ser lidos de diferentes formas em diferentes contextos, para tanto local, status, profissão são elementos que também operam na construção racial. Logo, a

discriminação racial brasileira parte e recai sobre a aparência, sobre o corpo. Por essa razão denominou-se preconceito de marca.

Ao retomarmos a discussão da identidade nacional brasileira podemos perceber a congruência do preconceito de marca na nossa sociedade. Aqui sendo a miscigenação vista como positiva, como homogeneizadora, mas tendo o preconceito permanecido são os traços físicos que aproximam o mestiço do corpo negro ou branco. E é esta proximidade determinante para a prática do racismo. Quanto mais próximo ao negro maior a discriminação, quanto mais próximo ao branco menor. Do preconceito de marca podemos introduzir o cabelo crespo como elemento fenótipo importante para a identificação racial. Como a letra da música evidencia: “O teu cabelo não nega, mulata”. É possível encontrar em propagandas exemplos do retrato do cabelo crespo: a marca Krespinha⁹ era referente a esponjas de aço. O que tal situação denota é a ideia de que o crespo seja algo duro, não maleável como são as esponjas de aço. Não apenas isso, mas também o fato de tal objeto ser utilizado nos afazeres domésticos, ter uma marca com o nome Krespinha e uma negra como símbolo é demarcar o papel das mulheres negras socialmente. O apelido de Bombril, outra marca de esponja de aço, é até hoje recorrente. A cobrança pela boa aparência no corpo negro incide intensamente sobre o cabelo. Diante dos fatores acima elencados é possível a partir das análises das histórias infanto-juvenis encontrar fatores transformativos para o cenário apresentado.

A BELEZA EM COMUM

Rapunzel e o Quibungo, não tem elementos em sua narrativa sobre o uso do *Black Power*, a manipulação do cabelo e as situações de preconceito, não aborda discursivamente as ideias do cabelo com uso político, do empoderamento a partir da positivação estética e do combate ao preconceito. Corre-se o risco de afirmar que a história não proporciona novos olhares sobre o cabelo crespo.

No entanto, ao analisar a construção da adaptação podemos destacar posições distintas. Ainda que no texto corrido não haja a descrição física das personagens como

⁹ Em junho de 2020 a marca, pertencente ao grupo Bombril, foi retirada do mercado devido a protestos e denúncias de racismo em redes sociais.



negras, as imagens nos dão este retrato. Uma menina negra cujo cabelo crespo cresce sem parar. Um menino negro de cabelos trançados que se apaixona pela menina. Tais imagens não trazem um cabelo sujo, mal arrumado, feio como costumeiramente o cabelo crespo é visto. Tampouco descaracterizam o cabelo de Rapunzel ou de Dakarai, os penteados de ambos são tranças, e é nítido que são crespos.

Somado a isto a adaptação transforma os elementos europeus do conto em elementos brasileiros. Trazer a história para dentro do contexto brasileiro e retratar as personagens como negras é colocá-las como integrantes e representantes da nação. Sem a necessidade de branqueamento.

O que Rapunzel e o Quibungo mostram é a possibilidade de narrativas provocarem representação por meio apenas da caracterização das personagens. O que se pretende sustentar é que para reconstruir o olhar sobre o negro através das histórias não é preciso cristalizar as narrativas em temáticas que são entendidas como da cultura negra, e que o cabelo também não precisa ser discutido sempre pelas mesmas vias. Trazer a beleza da personagem negra para a narrativa pode ser suficiente para gerar identificação e contemplar o desejo de ser ver representado nos livros.

O PASSADO COMUM

Betina, O mundo no Black Power de Tayó, O mundo começa na cabeça e O cabelo de Cora têm em comum a ancestralidade. Cada uma em variados graus trazem suas personagens em situações de aprendizado a partir da convivência com os seus familiares mais velhos. A superação de Cora do episódio de discriminação passa pela conversa com sua tia que retoma a memória de sua avó Ana. Betina, Tayó e Minosse têm suas infâncias marcadas pelos momentos em família em que trançavam o cabelo e histórias.

A partir das vivências coletivas que o pentear o crespo proporciona se recorre às histórias e saber do povo negro. Não apenas as dores e mazelas, mas suas relevâncias e qualidades. Por meio do cuidar do cabelo é possível retomar uma memória comum e significá-la positivamente. Os estereótipos do negro passivo, preguiçoso e sem cultura desaparecem e dão lugar a imagem do ser ativo, produtor cultural e humano ainda que em meio ao sofrimento.

O cabelo crespo torna-se agente de transformação a medida que possibilita o surgimento de novas memórias coletivas, que provocam o ideal de pertencimento ao serem gestadas na coletividade do trançado e do pentear, no munir-se contra o racismo a partir dos exemplos anteriores. E assim, permitem transpor tais memórias para a esfera nacional, pois extrapolam os laços raciais e comunitários para atingir a terceiros. O partilhar de Cora com sua amiga Miriam sobre aquilo que aprendeu com sua tia é exemplo disso. A profissão de Betina quando adulta e seu engajamento em ensinar o que aprendeu com avó em seu salão e em escolas também.

Memórias coletivas de um passado em comum que não oculta seus erros, mas também não marginaliza seus atores é uma possibilidade que estas histórias apresentam através do cabelo crespo.

O FUTURO COMUM

A última possibilidade é a projeção de um futuro comum. Tal perspectiva apresenta o cabelo como ente dinâmico. É a parte do corpo que permite as maiores mudanças, que permite moldar através do toque o desejo de quem penteia. O mundo começa na cabeça, O mundo no Black Power de Tayó e Chico Juba, cada um a seu modo, exemplificam isto.

Trazem o cabelo como expressão daquilo que sentem e desejam. Os penteados de Tayó refletem suas alegrias e tristezas, sempre voltadas para as questões raciais que as envolvem. E à medida que os manuseia, Tayó firma sua identidade racial. Minosse também aprende na arte de trançar a criar penteados de acordo com os momentos da vida.

O cabelo e sua manipulação nessas histórias atuam em conjunto com a mente, com os pensamentos e ideias. A dinamicidade do cabelo propicia que as personagens concebam o mundo em constante mudança e transformação e que esta advém tanto das circunstâncias quanto das suas ações. Vale ressaltar que nas duas histórias os títulos trazem a palavra “mundo”. Isto é significativo, o cabelo aqui é ponte para interpretar e ser no mundo da vida.

Chico Juba trava uma relação diferente com seu cabelo. A relação rejeição/aceitação presente na história de Chico Juba, e já apontada anteriormente, traz a

dimensão do cabelo como uma entidade a parte, em que se travam relações de oferendas e rituais a fim de alcançar graças. (OLIVEIRA, 2015). Quando finalmente consegue estabelecer uma relação benéfica com o cabelo Chico se transforma enquanto pessoa e inventor.

A perspectiva de transformação, de dinâmica, de ações capazes de modificar o agir e o ser dos indivíduos abre espaço para conceber o futuro em comum onde a marginalização e negatividade racial de populações não seja preciso nem eficaz para a nação. Nestas histórias vemos o cabelo ser canalizador destas ideias potencialmente transformadoras. Vemos o cabelo ser canalizador da ressignificação para as personagens negras de sua identidade racial. Tal fato projeta um futuro em comum onde negros são agente da nação que se reconhecem e se fazem ser reconhecidos.

CONCLUSÃO

A partir da discussão desenvolvida ao longo deste artigo podemos entender que para efetuar as mudanças acerca do negro e da identidade nacional é preciso trabalhar micro e macro esferas. Por macro esfera está a lei 10.639/03. A força da lei mobiliza pesquisas, capacitação profissional, mudanças curriculares, produção cultural, material didático e mercado literário. Mobiliza e conscientiza as pessoas envolvidas nestes processos, ao mesmo tempo que, pretende alcançar aos alunos nas escolas.

Por microesfera estão as vivências identitárias da população negra. O cabelo crespo, entendido como uma destas vivências, pode simbolizar reconhecimento, beleza, ancestralidade, instrumento de manipulação e ação. Vivências pessoais, partilhadas entre aqueles que integram sua rede social, que contribuem no desenvolvimento de autoestima saudável e de consciência racial positiva.

Tais esferas estão mutuamente construindo uma a outra à medida que comunidades politicamente ativas se engajam pelo estabelecimento da lei 10.639/03 e esta tem por fim alcançar as escolas e promover igualdade e consciência racial. Diante deste cenário, a literatura que aparece ao longo deste trabalho pode ser entendida como mediadora e difusora de novas concepções. É importante ressaltar a *diferença* como narrativa literária, pois evidencia que se antes a literatura contribuiu para fundir a ideia

de homogeneidade, hoje ela consegue reconhecer a heterogeneidade e rearranjar as noções acerca do que faz uma nação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.
- CHATERJEE, Partha. *Colonialismo, Modernidade e Política*, Edufba, Salvador 2004.
- DAMATTA, Roberto. *A fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira*. In *Relativizando*. Rio de Janeiro, Rocco. 1987.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Salvador, EDUFBA, 2008
_____. *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- FILHO, Domicio Proença. A trajetória do negro na literatura brasileira. São Paulo, *Estudos Avançados*, v. 18, n.50, 2004, p. 161-193.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
_____. *O Corpo Utópico*. Tradução de Conferência disponível em <https://www.geledes.org.br/cansada-de-ler-sobre-garotos-menina-reune-4-000-livros-com-garotas-negras/>. Acesso em 20 de abril de 2019
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo, Global Editora, 2003.
- FRY, Peter. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.
- GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo na construção da identidade negra*. Autêntica, 2006.
- GOMES, Nilma Lino. *Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incertezas*. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, n. 26, p. 111-124, out. 2018.
- GOUVEA, Maria Cristina Soares. *Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica*. São Paulo, Educação e Pesquisa, v.31, n.1, 2005
- LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*. São Paulo, Global, 2003.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. *Significações do Corpo Negro*. Tese. (Doutorado em Psicologia), Universidade de São Paulo, 1998.
- NOGUEIRA, Oracy. *Preconceito de marca: relações raciais em Itapetininga*. São Paulo, EDUSP, 1998.

OLIVEIRA, Camila da Rocha Galvão. *Meu cabelo, minhas regras*. Monografia em Ciências Sociais, UFRRJ, 2015.

PEREIRA, Luena Nascimento Nunes. *Literatura Negra Infanto-Juvenil: Discursos afro-brasileiros em construção*. *Intersecções*, v. 18, n.2, 2016, p. 431-457.

PEREIRA, Luena N. N. e SILVA, Isabella do N.V.B. da. *Discursos afro-brasileiros em construção: A lei 10.639 e a emergência da Literatura Negra Infanto-Juvenil* In Anais do 41º Encontro Anual da Anpocs, Caxambu, 2017.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO, 2005.

SILVA, Isabella do Nascimento Vitória Barros da. *O mundo começa na cabeça: O cabelo crespo e a construção de identidade nas histórias infanto-juvenis*. Monografia em Ciências Sociais, UFRRJ, 2017.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009.

LIVROS INFANTIS ANALISADOS

AGOSTINHO, Cristina; COELHO, Ronaldo Simões. *Rapunzel e o Quibungo*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012

AGUSTONI, Prisca. *O mundo começa na cabeça*. São Paulo, Paulinas, 2011.

CÂMARA, Ana Zarco. *O cabelo de Cora*. Rio de Janeiro, Pallas, 2013

GAIVOTA, Gustavo. *Chico Juba*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2011.

GOMES, Nilma Lino. *Betina*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2009.

OLIVEIRA, Kiusam de Oliveira. *O mundo no Black Power de Tayó*. São Paulo, Peirópolis, 2013.

Recebido em: 01/05/2020

Aceito em: 15/07/2020